

ORGANIZAÇÃO E GERENCIAMENTO DO ACERVO ARQUEOLÓGICO PRÉ-HISTÓRICO BRASILEIRO NO MAE/USP· O PROJETO CAB

Marisa Coutinho Afonso*
Silvia Cristina M. Piedade**
José Luiz de Moraes*

AFONSO, M.C.; PIEDADE, S.C. M.; MORAIS, J. L.; Organização e gerenciamento do acervo arqueológico pré-histórico brasileiro no MAE/USP: o projeto CAB. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 9: 223-238, 1999.

RESUMO: O projeto “Organização e Gerenciamento do acervo arqueológico pré-histórico brasileiro do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo” foi realizado com os objetivos de definir uma sistemática de trabalho para este acervo; organizar a documentação primária proveniente das pesquisas de campo e laboratório; possibilitar o controle sobre acervos e documentação correspondente e acondicionar as coleções arqueológicas na Reserva Técnica. Das 170 coleções propostas, 60% foram atingidas pelo projeto, sendo que na sede do MAE/USP foram tratadas 44 coleções e no Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas Mário Neme/MAE/USP, em Piraju, 58 coleções, num total de 66.570 peças. O objetivo deste artigo é explicar a metodologia de trabalho empregada e os resultados principais.

UNITERMOS: Arqueologia Brasileira – Museu – Curadoria – Coleção Arqueológica.

Os museus de Arqueologia estão enfrentando atualmente um grande problema, pois a Arqueologia “acadêmica” e a Arqueologia por contrato têm proporcionado o enorme aumento na quantidade de materiais arqueológicos trazidos para os museus, além das informações referentes ao acervo, na forma de diários de campo, fotografias, mapas etc.

Como “as coleções arqueológicas estão na gênese da história dos museus” (Bruno 1996), o futuro das instituições museológicas vai depender da definição de políticas de acervo que contemplem as

mudanças ocorridas na Arqueologia e na preservação do patrimônio cultural.

Museus tradicionais têm investido em ampliações das áreas destinadas às **Reservas Técnicas**, no melhor aproveitamento do espaço e do mobiliário para armazenar seus crescentes acervos. Estas Reservas Técnicas foram criadas para guardar as coleções de maneira adequada e controlada, onde as peças que não estão em exposição permanecem em um meio ambiente controlado e adequado às suas características estruturais.

É crescente também o número de arqueólogos preocupados com a grande quantidade de dados provenientes das pesquisas de campo e, segundo Pebbles & Galloway (1981: 226), “...there are two crucial challenges offered by all these data that have not been

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(**) Projeto Paranapanema.

met: 1) *appropriate and efficient data management*, and 2) *long-term documentation and adequate curatorial facilities*". Para estes autores, uma das maneiras de evitar o colapso dos sistemas de museus seria produzir os documentos necessários à curadoria durante a escavação, ou seja, apontam para uma mudança no processo do trabalho do arqueólogo, através do gerenciamento dos dados a partir da coleta em campo.

No Congresso da *Society for American Archaeology (SAA)*, ocorrido em março de 1999 (Chicago, EUA), foi realizado o fórum "*The ethics of curation*", organizado pelo *Committee on Ethics and National Association of State Archaeologists*, com a proposta de debater temas como as coleções provenientes dos projetos de Arqueologia por contrato, o que demonstra a preocupação crescente dos arqueólogos com questões éticas e curatoriais.

Os museus, devido ao acúmulo de material, estão discutindo normas sobre métodos de coleta, possibilidades de descarte e "*planejamento por meio da definição de uma política de acervo, traçada a partir do próprio estudo das coleções existentes e dos problemas científicos inspirados pelas mesmas*" (Bruno 1995).

Em alguns países, estão em andamento projetos como os **repositórios** ("*archaeological repositories*") nos Estados Unidos e os **depósitos de pesquisa** ("*dépôts de fouilles*") na França.

Nos Estados Unidos, devido ao crescimento da Arqueologia por contrato, estão sendo criados os repositórios, grandes Reservas Técnicas onde são armazenados os materiais coletados durante as pesquisas de campo. Nestes locais, há especialistas em documentação e conservação/restauro, entre outros, para permitir um tratamento profissional do acervo e do material documental, além do respeito às leis patrimoniais. Tem sido uma das maneiras utilizadas para não sobrecarregar os museus tradicionais. Como exemplos, podem ser citados o "*University of Wyoming Archaeological Repository*" (UWAR), em Laramie, que funciona a partir de uma ação conjunta do Departamento de Antropologia da Universidade de Wyoming e o Office of the Wyoming State Archaeologist/Department of Commerce e reúne mais de um milhão de objetos provenientes de 30.000 sítios arqueológicos, e o da Arizona State University que será criado para tratar coleções do *Roosevelt Archaeology Project*. Em resumo, ou abrangem sítios de uma determinada região do país, como o caso de Wyoming, ou se referem a projetos arqueológicos regionais específicos (maiores informações podem ser obtidas nos seguintes sites: <http://colby.uwyo.edu/owsa/brown.html> e <http://archaeology.la.asu.edu>).

Na França, estão sendo organizados os **depósitos de pesquisa** (Bruno 1996), definidos por Négri (1992) como "*un endroit où sont mis à l'abri des objets découverts dans une ou plusieurs fouilles afin d'être classés, inventoriés et étudiés attendant d'être déposés dans les salles d'exposition ou les réserves du musée*". Existe uma política de criação de uma rede nacional de depósitos arqueológicos desde 1995, locais de tratamento e estudo dos materiais arqueológicos, que provavelmente não teriam lugar nos museus tradicionais. Já existem vários depósitos regionais franceses como os Chamiers (Dordogne) e Canteleu (Seine-Maritime), entre outros, e novos estão sendo criados através da compra de prédios pelo governo, como o situado na cidade francesa de Limoges para acondicionar o material da região.

No Brasil, infelizmente, ainda são poucos os arqueólogos interessados no debate sobre as coleções arqueológicas. Se, por um lado, há uma preocupação maior dos arqueólogos com o registro dos sítios e seus achados, com a utilização de novas tecnologias, por outro, o destino das coleções, após terem sido analisadas e publicadas, parece não interessar à maior parte dos arqueólogos brasileiros. Algumas intuições e profissionais, no entanto, têm demonstrado preocupação neste sentido e trabalhado de forma a organizar melhor os acervos institucionais, como, para citar apenas dois exemplos, o Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ, Santa Catarina) e o Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL, Taquara, Rio Grande do Sul).

O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, desde a fusão há dez anos, vem discutindo um sistema de gerenciamento de seu acervo, estimado em 120.000 peças e constituído principalmente de coleções arqueológicas e etnográficas provenientes dos setores de Arqueologia e Etnologia do Museu Paulista, dos antigos Instituto de Pré-História e Museu de Arqueologia e Etnologia, e do Acervo Plínio Ayrosa (Departamento de Antropologia/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas).

O processo de integração espacial do acervo terminou em 1998, ou seja, nove anos depois da constituição do novo MAE, pois estava disperso em vários prédios da USP, como o dos Departamentos de História e Geografia e o do Departamento de Antropologia (todos da FFLCH) e Museu Paulista. Depois da cessão do espaço ocupado pelo FUNDUSP e Prefeitura Universitária (órgãos da Universidade de São Paulo) e da instalação dos armários deslizantes obtidos com a aprovação do projeto de infraestrutura en-

viado para a FAPESP, a Reserva Técnica tornou-se adequadamente mobiliada.

Com a criação das condições mínimas de infraestrutura, foi possível se iniciar a organização das coleções arqueológicas pré-históricas brasileiras, que representam a maior parte do acervo do MAE. O Museu abriga grande parte do material proveniente das pesquisas arqueológicas do Estado de São Paulo e de outros Estados brasileiros como Amazonas, Mato Grosso, Santa Catarina e Tocantins (projetos em andamento).

A preocupação com a organização e gerenciamento do importante acervo do MAE se intensificou com a fusão. Em 1990, Marisa C. Afonso propôs aos órgãos diretivos do Museu a constituição do Serviço de Curadoria do MAE e tornou-se sua primeira diretora no período de 1991-1992 e diretora suplente de 1992-1994. Houve a reunião das áreas de Documentação, Conservação e Restauro e Laboratório, o que tem proporcionado o melhor direcionamento e entrosamento dos serviços técnicos relacionados ao acervo, antes dispersos.

Paulo De Blasis, diretor do Serviço de Curadoria do MAE no período 1992-1994, apresentou o modelo de um Sistema de Gerenciamento do Acervo para o MAE/USP, enfocando mais as bases conceituais do sistema do que suas características técnicas e computacionais. Segundo De Blasis (1993), qualquer sistema a ser implantado deveria atender a três imperativos: a utilização científica “*associada à produção de documentação e registros que contenham informação gerada a partir desses mesmos objetos, itens de cultura material, e portanto vetores de conteúdo simbólico e de valor no interior de sistemas sociais específicos*”; o uso museológico e pedagógico do acervo, “*... incluindo aqui não apenas as exposições, mas também o uso de “amostras selecionadas” para fins didáticos, aulas, visita de especialistas, etc.*”, além de comportar as atividades cotidianas do Serviço de Curadoria.

Este modelo de sistema de gerenciamento do acervo não chegou a ser implantado porque a instituição não tinha, no ano da sua concepção, espaço, mobiliário e equipamentos (*hardware e software*) adequados, além de ainda estar ocorrendo a transferência de acervo do MAE, principalmente etnográfico, de outras instituições da USP que o estavam sediando.

O Projeto CAB

Em situação bastante diversa, e mais favorável para o MAE, foi elaborado em 1996 o projeto “Or-

ganização e Gerenciamento do Acervo Arqueológico Pré-histórico Brasileiro no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo” - CAB - por Marisa Coutinho Afonso (coordenadora), José Luiz de Moraes (vice-coordenador), Silvia Cristina M. Piedade e Marilúcia Bottallo. Este projeto recebeu auxílio financeiro da FAPESP e foi desenvolvido de 1997 a 1999 (Afonso, Bottallo, Piedade & Moraes 1997).

Pretendeu, através da implantação de um sistema controlado, unificar a linguagem de acesso às peças da coleção, bem como às informações respectivas, além de conhecer com precisão a quantidade e potencialidade do seu acervo. Esse sistema controlado implicou na definição de critérios de identificação, organização, registro, preservação e recuperação de dados sobre as coleções existentes.

A urgência do trabalho de gerenciamento foi devida a não previsão das especificidades no tratamento das várias coleções, na época da fusão das diferentes instituições. Além disso, houve um aumento considerável – e crescente – do número de peças provenientes das pesquisas de campo.

Diariamente chegam aos laboratórios de Arqueologia materiais de diversas categorias provenientes de pesquisas de campo que, após tratamento de limpeza e identificação, são analisados e enviados para a Reserva Técnica. Neste local, são armazenados e ficam à disposição para o uso em pesquisa, ensino e atividades de extroversão museológica.

A proposta do projeto CAB foi *organizar o acervo arqueológico pré-histórico brasileiro*, depositado na sede do MAE/USP e no Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas Mário Neme/MAE, situado em Piraju, e já estudado por arqueólogos, como recorte inicial e necessário, por se tratar da maior parcela do acervo em termos numéricos, a que mais aumenta, e por representar um dos segmentos com maior diversificação interna e as mais variadas formas de documentação primária.

Este acervo nunca havia passado por um processo de documentação de gestão museológica, tendo recebido apenas o tratamento de pesquisa por parte dos próprios arqueólogos. As coleções são provenientes de pesquisas de campo realizadas desde a década de 50 até 1996 (data da elaboração do projeto), no Estado de São Paulo.

O Projeto CAB teve como justificativa a necessidade de controle, preservação e resgate das peças e das informações, sem as quais perdem sentido e significação.

Este projeto foi resultado do conhecimento das reais necessidades de tratamento das coleções arqueológicas pré-históricas brasileiras e baseia-se na experiência dos membros da equipe coordenadora, seja na área de arqueologia (Piedade 1996, Morais & Afonso 1997) como na área de gerenciamento e gestão de informações no âmbito museológico (Bottallo 1996).

Seu suporte científico estava assentado em análises feitas com o material existente, no aproveitamento dos resultados de projetos anteriores e sua avaliação. Além disso, o projeto apresentou-se como uma solução possível para o caso específico do MAE/USP e apoiou-se na bibliografia de nível internacional relativa ao tratamento, gerenciamento e documentação de gestão de coleções arqueológicas abrigadas em espaços museológicos (Novick 1980, King 1980, Wilcox 1980, Hitchcock 1980, Malara 1987, Yang 1989, Pearce 1990, entre outros).

Os projetos desenvolvidos em outros museus também serviram de inspiração, como o *Collections and Research Information System (CRIS)*, do National Museum of Natural History, Smithsonian Institution, descrito como “*an integrated system supporting the documentation, management, analysis, and delivery of collection, research and educational resources held by the Museum*” (<http://nmnhwww.si.edu/cris/>), e o de gerenciamento da informação no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ), Santa Catarina. O MASJ, por exemplo, foi apontado por Bruno (1996) como a melhor expressão de musealização de Arqueologia Regional; atua em três frentes: pesquisa, preservação e comunicação e está desenvolvendo um projeto com auxílio financeiro da VITAE de forma a permitir uma melhor articulação nos seus trabalhos, um real gerenciamento informatizado da informação.

Os **objetivos** do projeto CAB foram: 1. Definir uma sistemática de trabalho que atenda às peculiaridades do acervo pré-histórico brasileiro, a fim de preservar e conservar estes vestígios patrimoniais; 2. Organizar a documentação primária proveniente das pesquisas de campo e laboratório (fichas de campo, mapas, fotos, diapositivos, filmes, croquis etc.); 3. Possibilitar o controle sobre acervos e documentação correspondente, no que diz respeito ao resgate dos mesmos, permitindo estudos e processos de extroversão museológica e 4. Acondicionar as coleções arqueológicas na Reserva Técnica.

Considerando a diversidade e a quantidade de materiais envolvidos, o projeto privilegiou as 170 co-

leções provenientes de *pesquisas arqueológicas sistemáticas* realizadas ou em desenvolvimento. Trata-se apenas de uma estratégia de trabalho que visou otimizar a potencialidade de informação de ‘conjuntos’ que já foram submetidos a algum procedimento científico.

O projeto foi proposto em 4 etapas:

1ª Etapa – Levantamento dos projetos de pesquisa desenvolvidos ou em desenvolvimento no MAE/USP;

1.1 – Elaboração de diagnóstico e apresentação das bases de gerenciamento aplicado desta informação, traçando o perfil organizacional da Reserva Técnica, do arquivo e da documentação de gestão museológica. O primeiro resultado desta etapa de trabalho foi a formação e formatação de um Banco de Dados compatível com os sistemas utilizados no MAE e na Universidade de São Paulo.

2ª Etapa – Localização das coleções, levando em consideração os projetos aos quais pertencem e a natureza do material (lítico, cerâmico, ósseo humano, osteodontomalacológico, restos alimentares, sedimentos, amostras para datação etc.). Paralelamente, a documentação primária deveria compor o arquivo de pesquisa do setor, de caráter institucional.

2.1 – Determinação topográfica e resgate das coleções por projetos de pesquisa.

2.2 – Seleção do material a ser depositado na Reserva Técnica e arquivo. No arquivo, seriam abrigados os documentos relativos à pesquisa de campo, basicamente, documentação primária referente às peças, coleções e projetos.

2.3 – Limpeza e tratamento dos artefatos.

2.4 – Inventário controlado e padronizado dos artefatos ou lotes.

2.5 – Embalagem e armazenagem nos locais apropriados.

3ª Etapa – Informatização dos Dados.

4ª Etapa – Avaliação de procedimentos, métodos e elaboração de relatório.

A curadoria das coleções arqueológicas – metodologia

Os trabalhos de curadoria, treinamento da equipe, levantamento e sistematização dos dados e organização do acervo na Reserva Técnica foram desenvolvidos e coordenados por Silvia Cristina Piedade, especialista em curadoria de acervo arqueológico.

Foram traçados procedimentos gerais para o tratamento e a organização das peças, levando em consideração a natureza, coleção e projeto a que pertencem. Optou-se, inicialmente, pela sua aplicação em uma coleção “piloto”, a de Piaçaguera, visando direcionar de forma segura os trabalhos posteriores com as demais coleções. Esta coleção foi escolhida por apresentar uma grande quantidade de materiais arqueológicos de diversos suportes e ter uma importante documentação associada, disponível para a equipe do projeto CAB.

Com exceção do material faunístico, não foi necessário efetuar limpeza nas peças, uma vez que apenas as embalagens estavam com muita poeira e algumas até com mofo, pois a antiga Reserva Técnica do MAE no Prédio dos Departamentos de História e Geografia/FFLCH/USP sofreu algumas inundações (pela ação da chuva e de canos de água perfurados).

No âmbito do Projeto foram processados artefatos líticos – lascados e polidos – osteodontomala-cológicos (ossos, conchas, dentes), cerâmicos e amostras de fauna (Afonso, Piedade, Barreto & Jacob 1999), além do teste de embalagem em um esqueleto do sítio Tenório. Apesar de contar com espaço adequado no laboratório, foi mais produtivo e seguro toda a equipe se concentrar apenas em uma coleção de cada vez (Foto 1). Assim que eram encerrados os trabalhos com uma, imediatamente outra era escolhida, localizada e tratada.

Houve muita dificuldade para reunir o material pertencente a cada coleção, uma vez que se encontrava disperso, freqüentemente sem identificação na parte externa da caixa e muitas vezes de difícil acesso. Este problema foi o maior responsável pelo grande número de peças registradas como “ausentes”. Muitas delas deverão, espera-se, ser localizadas com a continuidade dos trabalhos de organização do acervo.

Em seguida à localização da coleção, solicitava-se ao arqueólogo responsável a documentação primária relativa ao material (listagens, planilhas, caderno de registro, fichas de campo etc.) fundamental para a conferência e resgate de informações que haviam sido perdidas. Inúmeras vezes foram encon-



Foto 1 – Triagem das amostras faunísticas no MAE/USP. Foto: Silvia Cristina Piedade.

tradas peças com numeração ilegível (ou apagada) e graças à documentação, conseguiu-se, pela descrição, dimensões, dados de localização e data da coleta, recuperar o número perdido e inserir a peça na coleção.

Os artefatos foram inicialmente separados por centenas e, posteriormente ordenados, conferidos com as planilhas/cadernos de registro, relacionadas as ausências e embalados em sacos plásticos e pequenas mantas de polietileno (thermomanta de 2 ou 4mm, cor branca), algumas vezes individualmente, em outras, em grupos de mais ou menos 10 peças, de acordo com a necessidade de proteção do material. As embalagens receberam a identificação com a sigla do sítio e o(s) número(s) das peças que continham. Por sua vez, foram acondicionadas em caixas apropriadas, de plástico, também identificadas com sigla do sítio, categoria do material (lítico, cerâmico etc.) e o intervalo da numeração dos artefatos ali contidos.

Os líticos lascados e os polidos pequenos e médios (até 15cm) e os fragmentos de cerâmica foram

acondicionados em pequenas caixas com tampa (*Marfinite*, ref.1004 – Foto 2), para evitar que o peso do material impedisse ou dificultasse seu manuseio e transporte. As peças maiores e pesadas foram colocadas em caixas de plástico, mais reforçadas (*Marfinite*, ref. 1013). Para os artefatos osteodontomacrológicos, foram utilizados pequenos gaveteiros de plástico (*Marfinite*, suporte n° 60 e duas gavetas n° 61, cor bege – Foto 3).

Foram selecionadas coleções “tipo”, no momento em que o material estava todo sobre a mesa e era possível uma perfeita visibilidade do conjunto. Poderão ser utilizadas para atividades didáticas e/ou expositivas, evitando o manuseio constante de toda a coleção, o que causava problemas de conservação das peças e desordem.

As amostras de fauna tiveram um tratamento diferenciado, causado pelo péssimo estado de acondicionamento (as embalagens foram feitas há 30 anos). Foi necessário triar cada uma delas, limpar, separar ossos, conchas, dentes, otólitos, crustáceos, além de retirar os líticos que estavam misturados. Cada cate-



Foto 2 – Processamento do material lítico: troca de embalagem, triagem por centena, ordenação, conferência e acondicionamento em pequenas caixas de plástico. Foto: Silvia Cristina Piedade.

goria foi embalada separadamente e posteriormente reunida em um saco plástico com lacre (“zipado”), rotulado e identificado com canetas de tinta permanente. Foram acondicionados em engradados Marfinite, identificados com sigla do sítio, natureza do material e número de quadra. Após efetuar a conferência e lista de ausências, o material foi enviado para a Reserva Técnica.

Não foi possível processar o material ósseo humano no âmbito deste projeto, mas foram feitos testes de embalagem por Gedley Belchior Braga (conservador/MAE), Silvia Cristina Piedade e Clementino Virgínio da Silva, além da reformulação da ficha de inventário (Afonso 1999).

Os trabalhos foram implantados e desenvolvidos concomitantemente na sede do MAE/USP e no Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas Mário Neme, em Piraju (Foto 4), e as informações estão resumidas em duas tabelas, nas quais foram priorizados o nome da coleção, sigla, município onde se localiza o sítio, número de peças constantes, número de peças ausentes, número de caixas ou gaveteiros que os abrigam e a data em que foram processados no presente proje-

to. Estas tabelas possibilitam a manutenção do controle do andamento dos trabalhos e o mapeamento das coleções tratadas (Tabelas 1 e 2).

Outra ferramenta de muita utilidade foi a listagem de peças ausentes, que proporcionou o controle e direcionamento para a busca do material separado da coleção. Todas as etapas do trabalho foram documentadas fotograficamente.

Na Reserva Técnica, o armário deslizante “Telos”, destinado a armazenar as coleções pré-históricas brasileiras, abrigava originalmente caixas do “arquivo morto” do FUNDUSP (Fundo de Construções da USP), não sendo o ideal para o material arqueológico, porém está sendo bem aproveitado, em função da adequação das embalagens (Foto 5).

Visando ao levantamento das informações relativas às coleções, foram elaborados resumos dos históricos dos sítios, com dados sobre localização, intervenções efetuadas, estado de conservação, datações, além de breve descrição sobre o material arqueológico, sua natureza, quantidade, levantamento dos trabalhos publicados e lançamento dos dados na “tabela resumo”



Foto 3 – Acondicionamento da indústria osteodontomalacológica nos gaveteiros. Foto: Osmar Correa.



Foto 4 – Planilhamento do material lítico no Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas/MAE/USP, em Piraju. Foto: Marisa Coutinho Afonso.

Documentação Museológica

O trabalho de documentação museológica foi realizado por Marilúcia Bottallo, com o apoio de Armando Olivetti Ferreira, consultor em informática e arquivística. As informações apresentadas a seguir baseiam-se em: Bottallo (1998) e Afonso (1998, 1999).

O Projeto CAB teve a oportunidade de apresentar, sob o ponto de vista da Documentação de Gestão Museológica, uma mudança de qualidade, tanto nos aspectos metodológicos e aplicados, como na prestação de serviços no âmbito da instituição, o que conseqüentemente, trará benefícios para o trabalho inter-institucional.

A Documentação Museológica, definida como um sistema de trabalho relacionado ao gerenciamento de museus, é uma das áreas aplicadas da Ciência Museológica e se define por métodos que procuram tratar todo tipo de informação, sobre qualquer suporte, desde que se relacione com coleções de museu ou tratadas sob o aspecto da possibilidade de musealização (Bottallo 1998).

No MAE, a situação que se apresentou como problemática para a Documentação Museológica foi o gerenciamento de um acervo de grande porte com base em sistemas diferentes que refletiam realidades institucionais anteriores a 1989. Os processos de catalogação, organização, recuperação de informações e controle do acervo estavam diretamente vinculados à missão institucional que caracterizava cada um dos componentes do 'novo' MAE (dois museus, um instituto de pesquisa e um acervo científico). Portanto, os princípios metodológicos de abordagem científica, comunicacional e de salvaguarda eram, conseqüentemente, diferentes.

A partir de 1995, uma nova ficha catalográfica, em substituição às outras existentes, foi desenvolvida por Marilúcia Bottallo, visando através dos seus descritores determinar que as coleções poderiam ser tratadas de maneira equivalente tendo em vista exigências de caráter museológico nos níveis da comunicação e da salvaguarda.

Dessa forma, a primeira modificação substancial objetivando uma compreensão real das coleções

Tabela 1

Resumo das coleções trabalhadas - CAB/MAE

Coleção	Sigla	Origem	Nº. de Peças Ausentes	Categoria	Nº. de Peças	Nº. de Caixas/Gavetas	Data
Abrigo das Furnas	AF	Cajuru	lítico	51	03	01	5/98
Alambari	Al	Itapetininga	lítico	4076	34	07	4/98
Areia Branca IA	ABI-A	Guareí	lítico	122	01	01	5/98
Areia Branca II	ABII	Guareí	lítico	725	10	04	5/98
Areia Branca-IB	ABI-B	Guareí	lítico	45	09	01	5/98
Aretusina	Ar	São Simão	lítico	19	06	01	5/98
Belmonte	Be	São Simão/SP	lítico	3452	81	26	6/98
Bicame I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII	Bi	Laranjal Paulista	lítico	354	—	04	2/98
Boa Sorte	BS	Jardinópolis	lítico	333	05	03	5/98
Catanduva	Ca	Guareí	lítico	89	01	01	5/98
Corredeira	Co	Serra Azul	lítico	2584	73	12	2/98
Ferreiras	Fe	Pereiras	lítico	615	02	02	5/98
Fundão	Fu	Pereiras	lítico/cer.	386	04	01	5/98
Gramado	Gr	Brotas	cerâmica	5031	—	30	2/99
Morro do Cruzeiro	Cr	São Simão	lítico	119	03	06	6/98
Nova Esperança I	NE	Pereiras	lítico	1709	27	07	6/98
Nova Esperança II	NE	Pereiras	lítico	814	30	07	6/98
Pau Papudo	PP	Guareí	lítico	17	—	01	6/98
Piaçagüera	Pi	Baixada Santista	osteodontom.	698	09	16 gavetas	6/98
Piaçagüera	Pi	Baixada Santista	lítico	49	04	2	10/97
Piaçaguera	Pi	Baixada Santista	fauna	549 amost.	—	12	8/97
Queimador II	Qu-II	Pereiras	lítico	2109	50	06	5/98
Santa Cruz	SC	Pereiras	lítico	3076	28	03	5/98
Santa Maria I	SM-I	São Simão	lítico	99	02	01	6/98
Santa Maria II	SM-II	São Simão	lítico	36	—	01	6/98
Santa Maria III	SM-III	São Simão	lítico	17	—	01	6/98
Santa Maria IV	SM-IV	São Simão	lítico	13	—	01	6/98
Santo André	An	Porangaba	lítico	279	7	02	6/98
São José	SJ	Porangaba	lítico	210	104	01	5/98
São Pedro	SP	Guareí	lítico	9	01	01	5/98
São Simão	SS	São Simão	lítico	43	06	01	6/98
Sarandi	Sa	Guareí	lítico	5628	59	16	4/98
Serrote	Se	São Simão/SP	lítico	810	11	9C	3/98
Tamanduá I	TA-I	São Simão	lítico	92	03	01	5/98
Tamanduá II	TA-II	São Simão	lítico	40	—	01	5/08
Tamanduá-III	TA-III	São Simão	lítico	11	—	01	7/98
Vista Alegre	VA	Guareí	lítico	264	3	—	5/98
Tenório	Te	Ubatuba	fauna	456 amost.	—	18	9/98
Tenório	Te	Ubatuba	osteodontom. e lítico	3952	146	50 gavetas 21 caixas	11/98
Mar Virado	MV	Ubatuba	osteodontomal.	1226	—		2/99
Mar Virado	MV	Ubatuba	lítico	2517	69	40	2/99

do MAE foi estabelecida através da ficha catalográfica única para todo seu acervo.

Com o Projeto CAB foi possível estabelecer uma

metodologia de abordagem do acervo, por meio de uma setorização que buscou compreender os universos particulares que compõem o complexo acervo do MAE/USP.

Tabela 2
Resumo das coleções trabalhadas -CAB/Piraju

Coleção	Sigla	Origem	Nº. de Peças Ausentes	Categoria	Nº. de Peças	Nº. de Caixas/Gavetas	Data
Águas Virtuosas	AVT	Tejupá	lítico	03	—	01	13/01/98
Almeida	ALM	Tejupá	lítico	6116	284	10	8 e 9/98
Almeida	ALM	Tejupá	cerâmica	2369	13	04	8 e 9/98
Alves	ALV	Piraju	lítico	477	17	03	10/97
Alves	ALV	Piraju	cerâmica	3780	—	09	10/98
Angico	ANG	Cândido Mota	cerâmica	16	—	01	3/98
Angico Branco	ANB	Cândido Mota	cerâmica	31	—	01	3/98
Angico Vermelho	ANV	Cândido Mota	cerâmica	04	—	01	3/98
Araruva	ARR	Palmital	cerâmica	72	02	01	3/98
Baixa Neblina 3	BN3	Piraju	lítico	03	—	01	13/01/98
Baixo Neblina 2	BN2	Piraju	lítico	29	—	01	13/01/98
Barbatimão	BTM	Cândido Mota	lítico	04	—	01	3/98
Barragem	BRG	Piraju	lítico	09	100	01	13/01/98
Beira Rio	BRR	Piraju	lítico	18	—	01	12/01/98
Bela Vista	BLV	Timburi	lítico	03	—	01	12/01/98
Bela Vista 2	B1.2	Timburi	lítico	20	—	01	12/01/98
Bica de Pedra	BPD	Piraju	lítico	25	—	01	12/01/98
Bica de Pedra 2	BD2	Piraju	lítico	03	—	01	13/01/98
Bica de Pedra 3	BD3	Piraju	lítico	04	—	01	13/01/98
Bittar	BTR	Cerqueira César	lítico	191	—	01	10/97
Boa Vista	BVT	Sarutaia	lítico	180	08	01	12/01/98
Boa Vista 2	BVA	Sarutaia	lítico	50	—	01	12/01/98
Boa Vista 2	BV2	Sarutaia	cerâmica	16	01	01	13/01/98
Brejaúva	BJV	Cândido Mota	cerâmica	61	—	01	10/98
Cajarana	CJR	Cândido Mota	cerâmica	66	—	01	10/98
Camargo	CMG	Piraju	lítico	2104	149	04	14/15/01
Camargo 2	CM2	Piraju	lítico	128	01	03	10/97
Caraguatá	CRG	Cândido Mota	lítico/cerâmica	249	—	02	3/98
Ceres	CRS	Piraju	lítico	11	—	01	13/01/98
Ceres	CRS	Piraju	cerâmica	01	—	01	14/01/98
Codespaulo	CDP	Piraju	lítico	15	—	01	12/01/98
Colina	CLN	Piraju	cerâmica	19	—	01	14/01/98
Colina	CLN	Piraju	lítico	02	—	01	14/01/98
Cury	CRY	Piraju	lítico	146	—	01	13/01/98
Dourado	DRD	Piraju	lítico	115	—	01	7/98
Duron	DRN	Piraju	lítico	27	—	01	12/01/98
Embauba	EBB	Cândido Mota	lítico	22	—	01	3/98
Fecapi	FCP	Piraju	lítico	328	38	02	10/97
Fecapi 2	FC2	Piraju	lítico	06	—	01	14/01/98
Figueira	FIG	Cândido Mota	cerâmica	144	—	01	3/98
Figueira Branca	FIB	Palmital	lítico	94	—	01	3/98
Fonseca	FSC	Itapeva	cerâmica	5250	—	14	1/99
Foz do Neblina I	FNB	Piraju	lítico	05	—	01	12/01/98
Golferi	GFR	Piraju	lítico	02	—	01	13/01/98
Guarantã	GRT	Palmital	lítico	18	—	01	3/98
Ipê	IPE	Palmital	cerâmica	35	—	01	3/98
Ipiranga	IPR	Piraju	lítico	465	—	01	12/01/98
Itororó	ITR	Pirapozinho	lítico	56	—	01	13/01/98
Itororó	ITR	Pirapozinho	cerâmica	07	—	01	13/01/98
Itororó	ITR	Pirapozinho	lítico-machado	01	—	01	13/01/98
Jango Luiz	JGL	Angatuba	cerâmica	687	—	02	2/99
Marolo	MAR	Cândido Mota	cerâmica	22	—	01	3/98
Martins	MTN	Campos Novos Pta	lítico	12	—	01	13/01/98
Martins	MTN	Campos Novos Pta	cerâmica	26	—	01	13/01/98
Mirante	MRT	Timburi	lítico	15	—	01	12/01/98
Monte Santo	MST	Piraju	lítico	16	—	01	12/01/98
Motta	MTT	Piraju	lítico	90	—	01	12/01/98
Nunes	NNS	Piraju	cerâmica	27	—	01	13/01/98
Nunes	NNs	Piraju	lítico	03	—	01	13/01/98
Pajeú	PAJ	Cândido Mota	cerâmica	217	—	02	3/98
Pedro Cândido	PDC	Piraju	lítico	40	—	01	12/01/98
Peróba	PER	Cândido Mota	cerâmica	446	—	02	3/98
Salto Grande do Paran.	SGP	Salto Grande	cerâmica	145	—	01	10/98
Salto Grande do Paran.	SGP	Salto Grande	lítico	18	—	01	11/98
Sarã	SAR	Palmital	lítico	43	—	01	3/98
Taiuva	TUV	Palmital	cerâmica	159	—	01	3/98
Taquaruçu	TQR	Sandovalina	lítico	74	—	01	14/01/98
Vetrone	VTR	Piraju	lítico	11	—	01	13/01/98



Foto 5 – Reserva Técnica do MAE/USP: embalagens organizadas e identificadas; mobiliário bem aproveitado. Foto: Silvia Cristina Piedade

A ficha catalográfica foi pensada como forma de registro para itens considerados únicos. A solução encontrada na formatação do banco de dados do MAE foi passar a considerar cada coleção como um item, abrindo a possibilidade de *links* que registram e inventariam, também, cada uma das peças individuais que compõem o conjunto de cada coleção. Os diversos inventários foram estabelecidos por uma metodologia de abordagem própria do trabalho com materiais distintos em laboratório. Portanto, sua organização no banco de dados passa por um processo onde primeiro é acessada a ‘ficha-mãe’ (única para a coleção) e, então, é possível conhecer a coleção por meio de sua composição material: artefatos (líticos, cerâmicos e osteodontomacrológicos), fauna não trabalhada e esqueletos humanos.

O trabalho com o material ósseo humano difere um pouco dos outros, mas a organização cadastral se-

gue os mesmos princípios. Para a qualidade de realização desta derivação específica do banco de dados, necessitou-se do acompanhamento de especialistas em Antropologia Biológica, como Silvia Cristina Piedade, Verônica Wesolowski de Aguiar e Santos (arqueóloga, mestre, FFLCH/USP), Sergio Francisco S. Monteiro da Silva (mestrando, MAE/USP) e o apoio da Profa. Dra. Dorath Pinto Uchoa (MAE/USP), para estabelecimento e atualização de nomenclatura, bem como para o teste com o único esqueleto cadastrado (Sítio Tenório / Q 76-77) no âmbito do Projeto. Duas referências bibliográficas foram importantes neste processo: Neves (1988) e Guizzo (1994).

A prática mostrou que o trabalho com esqueletos exige uma sistemática particular, um especialista em identificação e Anatomia Humana, armazenagem diferenciada (na Reserva Técnica do MAE existe um espaço específico destinado à guarda de ossos hu-

manos) e cadastramento, que implica em familiaridade científica com o material.

Segundo M. Bottallo, as conseqüências, desejadas, da implantação do Projeto CAB são, entre outras, a necessidade de criação de glossários, levantamento de tipologias e materiais de composição de peças e manuais de preenchimento e instrução. Alguns já foram criados e estão implantados tal como o “manual para preenchimento da ficha catalográfica” que permitiu fornecer dados para o trabalho de adaptação do sistema documental ao processo de informatização. Além disso, a Documentação Museológica vem recebendo colaborações (não sistemáticas) sobre tipologias.

Considera-se esse trabalho iniciado e a sistemática de gerenciamento documental implantada para toda a coleção MAE/USP.

Resultados e avaliação

Foram organizadas 102 coleções compostas por artefatos osteodontomalacológicos, líticos, cerâmicos e amostras de fauna. Perfazem um total de 1.005 amostras e 66.570 peças, das quais 1.404 encontram-se ainda ausentes. Como o acervo do MAE já foi objeto de várias mudanças tanto em São Paulo como em Piraju, há a possibilidade de se encontrar peças de uma coleção junto com outra, como de fato tem acontecido rotineiramente.

Na sede do MAE/USP foram tratadas 44 coleções, num total de 41.719 peças e no Centro Regional/Piraju 58 coleções, num total de 24.851 peças. A porcentagem de ausências atingiu 2,10% do total de peças organizadas (Tabela 3). Do número de coleções a serem trabalhadas, inicialmente propostas no primeiro recorte efetuado no projeto, ou seja, 170 coleções, 60% foram atingidas. Porém, levando-se em consideração os problemas enfrentados, como

falta de equipe permanente, dificuldade de localização do material, as sucessivas reformas pelas quais passaram os laboratórios e a Reserva Técnica (troca de forro, troca de piso, dedetização etc.), com paralisações temporárias das atividades do projeto, deve-se considerar este resultado altamente positivo.

Considera-se, como pontos positivos, mais do que o número de peças organizadas, o pioneirismo do projeto, a implantação de uma sistemática de trabalho, a proposta de uma metodologia testada e aprovada e, acima de tudo, a criação e implantação de um sistema informatizado para o gerenciamento de toda a informação produzida.

Com relação à documentação primária, fonte principal de informações das peças, não foi possível reuni-la na Área de Documentação do Serviço de Curadoria na sua totalidade. Algum material chegou a ser depositado, porém, fotos, mapas e mesmo originais de cadernos de registro e fichas de campo continuam sob os cuidados dos arqueólogos responsáveis pelas coleções. Isto se deve à ausência de uma política de acervo, por parte do MAE, onde estariam claramente definidos os direitos intelectuais dos pesquisadores e seus deveres institucionais. Embora a equipe do projeto CAB tenha tido acesso a toda a documentação primária solicitada, resta desenvolver um mecanismo para se identificar e conhecer toda a documentação correspondente a cada projeto, estando sob a responsabilidade dos arqueólogos ou da instituição. Por outro lado, está sendo organizada a Área da Documentação Museológica para que os pesquisadores sintam-se confiantes em depositar a documentação primária das pesquisas de campo nestes locais. Ou seja, as responsabilidades deverão ser melhor definidas tanto para os arqueólogos como para a área documental do MAE.

Como o acervo arqueológico brasileiro é extremamente volumoso e o espaço destinado a ele é limitado, procurou-se compactar a embalagem e adequá-

Tabela 3
Coleções arqueológicas organizadas pelo projeto CAB

	Coleções	Número de peças	Número de peças ausentes
MAE/USP	44	41719	791
CENTRO REGIONAL	58	24851	613
Total	102	66570	1404

la para aproveitar ao máximo o espaço disponível, sem perder a qualidade do acondicionamento: o resultado foi surpreendente. Foram armazenados em dois módulos (cada módulo é formado por 2 estantes) aproximadamente 40.000 peças. Isto significa que, fazendo uma projeção, em 14 módulos serão armazenadas aproximadamente 280.000 peças, se a continuidade dos trabalhos for nos moldes propostos por este projeto. Cabe lembrar que os armários destinados às coleções arqueológicas brasileiras pertenciam anteriormente à Prefeitura da USP onde eram guardados documentos. Ou seja, enquanto para as coleções etnográficas, o mobiliário foi feito em função das suas características, no caso das arqueológicas brasileiras, houve uma adaptação das embalagens de plástico aos armários pré-destinados.

Não foi possível organizar as coleções esqueléticas por vários motivos: 1. trata-se de um trabalho específico, com metodologia e características completamente diferentes das utilizadas para artefatos e material faunístico; 2. mudança da proposta de embalagem (de papelão para caixa confeccionada com espuma de polietileno expandido – Ethafoam, para evitar a bioinfestação) o que aumentou muito o custo inicialmente previsto, além de precisar de gavetas nos armários Telos que ainda não foram adquiridas; 3. trata-se de acervo em boas condições de conservação. Pelo exposto, optou-se pela continuidade da organização dos artefatos, tendo claro que o trabalho com as coleções ósseas humanas é fundamental e urgente, porém, exige um projeto específico, exclusivo para este segmento do acervo e com pessoal especializado e familiarizado com Anatomia Óssea.

A necessidade de se alterar a embalagem do material esquelético ocorreu porque a Reserva Técnica sofreu um intenso ataque biológico. Como medida mitigatória, todas as caixas de madeira usadas para o acondicionamento do material esquelético foram trocadas por engradados de plástico (*Marfinite, modelo 1011*), em caráter provisório. O material arqueológico brasileiro normalmente não apresenta problemas de conservação, mas como a Reserva Técnica do MAE é única e muitos materiais etnográficos têm suportes orgânicos (madeira, fibras vegetais, penas, etc), as embalagens devem ser escolhidas de forma a não aumentar a biodegradação. Mesmo depois da dedetização do prédio, pode-se observar a infestação de cupins na caixas de madeira, substituídas rapidamente.

No Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas Mário Neme, o processo de trabalho foi o mesmo, comandado de forma competente por João Carlos

Alves, que conhece com muita profundidade os materiais dos sítios arqueológicos do Projeto Parapanema, iniciado há trinta anos. Embora o Centro ainda não tenha mobiliários adequados, as coleções estão sendo organizadas e acondicionadas em caixas plásticas, tornando-se disponíveis para novas atividades de pesquisa, ensino e extroversão museológica.

O projeto não pôde contemplar, embora fosse o desejo de seus coordenadores, a documentação primária referente às pesquisas e o material esquelético, que demandarão projetos específicos. A documentação esteve disponível durante a organização das respectivas coleções, mas depois de concluído o trabalho, voltou a ficar sob a responsabilidade dos arqueólogos responsáveis pelos vários projetos.

O trabalho foi iniciado e a sistemática de gerenciamento documental implantada para toda a coleção MAE/USP. No entanto, também percebe-se uma necessária ampliação do banco de dados para criar interfaces com o Laboratório de Conservação e Restauro, controle do gerenciamento de risco e documentação primária, que atualmente está vinculada por meio de referências na Base de Dados.

As fichas catalográficas continuarão a ser preenchidas e alguns campos terão que ser melhor definidos como o do pesquisador responsável (onde é necessário haver uma hierarquização de informação, do coordenador do projeto aos membros da equipe) e a bibliografia, que necessita de revisão e complementação.

Verifica-se que o número normalmente fornecido institucionalmente como correspondente ao acervo do MAE - 120.000 peças - é um número "mágico", já que não se sabe a quantidade exata. Mas um grande passo foi dado ao se conhecer pelo menos o número parcial de peças organizadas pelo projeto CAB. Se o número institucional estiver correto, o projeto CAB trabalhou com 55,5% do acervo do MAE, demonstrando que o maior volume é o segmento da arqueologia pré-história brasileira, que não pára de crescer, graças ao trabalho dos dez arqueólogos especialistas nesta área, técnicos e estagiários (alunos de graduação e pós-graduação).

Um dos reflexos importantes do projeto é a conscientização de alguns pesquisadores, técnicos e alunos sobre as atividades curatoriais na pesquisa de campo e após esta fase, seja no acondicionamento do acervo segundo a sistemática do projeto CAB, seja na inclusão de verbas destinadas ao tratamento das coleções nos projetos de Arqueologia acadêmica ou por contrato. Se a idéia de organizar o acervo arqueológico

ológico pré-histórico brasileiro do MAE era assustadora inicialmente, pela infinidade de problemas a enfrentar – recursos humanos, financeiros, vontade política – atualmente a situação já se tornou mais fácil, o nó começou a ser desatado.

O projeto contou com a participação de vários estagiários, estudantes de graduação, principalmente, e de pós-graduação, que tiveram a oportunidade de entrar em contato com um acervo valioso e importante para a compreensão da ocupação pré-histórica do território paulista. Neste sentido, o projeto teve um caráter educativo permitindo aos estudantes conhecer o processo curatorial tal como é desenvolvido do MAE.

Para o MAE, é necessária e urgente a definição de política de acervo e a reflexão sobre a formação dos “depósitos de pesquisa”. E quanto aos arqueólogos, para que a questão curatorial não se agrave cada vez mais e por questões éticas, são necessários: a organização do material arqueológico desde a pesquisa de campo, o acompanhamento de todas as etapas do processo curatorial no Museu e um compromisso maior, científico e ético, com o destino e futuro dos materiais coletados.

Equipe

Equipe coordenadora: Profa. Dra. Marisa Coutinho Afonso (Coordenadora, arqueóloga, MAE/USP), Prof. Dr. José Luiz de Moraes (Vice-Coordenador, arqueólogo, MAE/USP, responsável pelo Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas Mario Neme), Silvia Cristina Piedade (Especialista em Curadoria de Acervo Arqueológico) e Marilúcia Bottallo (Museóloga com especialização em Documentação de Gestão, MAE/USP);

Equipe permanente: Dária Elânia Fernandes Barreto, José Paulo Jacob (Técnicos Especializados em Arqueologia, MAE/USP), João Carlos Alves (Técnico Especializado em Arqueologia, Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas/MAE/USP), Clementino Virgínio da Silva (Auxiliar de Conservação, MAE/USP) e Osmar Correa (Bolsista/ Pró-Reitoria de Cultura/USP de 1997 a 1998).

Consultoria em informática e arquivística: Armando Olivetti Ferreira.

Equipe eventual: Alexandre Enrique Porto (Estagiário, CRPA, Piraju), Cíntia Bendazzoli Simões, Cristian Foeking, Elisângela Regina de Oliveira, Gabrielly Alice da Silva, Gerson Levi da Silva Mendes, Juliana Correia Savelli Graça, Karina Poli Lima

da Cunha, Lucas de Melo Reis Bueno, Maithê Cristina Penna, Marcelo Tupinambá Leandro, Maria Emília Vieira de Abreu, Mildred Janeth Moná Lapeira, Mônica Mantovani Goulart (Estagiários, MAE/USP), Francisco Alexandre do Nascimento (Funcionário, CRPA, Piraju), Paula Nishida Barbosa, Sandra Nami Amenomori (Mestrandas, MAE/USP), Sandra Medina (Projeto Paranapanema).

Agradecimentos

Este projeto começou a nascer de conversas entre a Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno (museóloga, MAE/USP) e Silvia Cristina Piedade, a partir de preocupações semelhantes com relação à curadoria do acervo do MAE.

Os autores agradecem: ao MAE/USP, pelo apoio institucional ao projeto; à FAPESP, pelo apoio financeiro necessário para o desenvolvimento do projeto curatorial (processo n° 96/11948-8); à Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno (MAE/USP) pelas discussões sobre temas museológicos, além do fundamental incentivo para a concepção do projeto; à Dra. Anne-Marie Guimier-Sorbets (Université de Paris X, professora visitante na USP em 1996) que, com seu trabalho sobre sistemas de informação em Arqueologia e discussões enriquecedoras, ajudaram na criação do projeto; a Marilúcia Bottallo, pela execução do trabalho de Documentação Museológica; a Armando Olivetti Ferreira, pelo auxílio fundamental na constituição do Banco de Dados informatizado; a Dária Elânia Fernandes Barreto, José Paulo Jacob, João Carlos Alves e Clementino Virgínio da Silva, pelo competente trabalho, interesse e presença constante no projeto; a Verônica Vesolowski de Aguiar e Santos e Sergio Francisco Monteiro da Silva, pelas sugestões na ficha e no acondicionamento do material esquelético; à Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata, ex-Diretora da Divisão Científica do MAE, pelo apoio institucional na época da concepção do projeto; à Profa. Dra. Dorath Pinto Uchôa, pelo acesso a toda a documentação primária referente às pesquisas que coordena no litoral paulista e pelo auxílio na elaboração da ficha do material esquelético; aos Profs. Drs. Silvia Maranca, Eduardo Góes Neves e Paulo De Blasis, pelo apoio ao projeto e pelo incentivo à participação de estagiários nas atividades curatoriais; ao Prof. Dr. Levy Figuti, pelo auxílio na triagem da fauna; à conservadora Cibele E. V.

Aldrovandi, pela elaboração da primeira proposta de acondicionamento do acervo; a Gedley Belchior Braga (MAE/USP), pelo ensaio no acondicionamento do material esquelético e pela assessoria em assuntos ligados à conservação; a Wagner Souza e Silva pela documentação fotográfica do projeto; à equipe da Seção de Processamento de Dados/MAE e, em especial, ao seu responsável Amauri

Pagnose pela aquisição e instalação do equipamento de informática, além da assessoria; a Severino Leonardo de Pontes e Marinho Ribeiro Martins, pelo apoio às atividades de infraestrutura do projeto; aos alunos/estagiários que participaram do projeto.

O artigo é dedicado a toda a equipe do projeto CAB.

AFONSO, M.C.; PIEDADE, S.C.M.; MORAIS, J.L.; Organization and Management of Brazilian prehistoric collections from the Museu de Arqueologia e Etnologia/Universidade de São Paulo: the CAB project. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 9: 223-238, 1999.

ABSTRACT: The aims of the project "Organization and Management of Brazilian prehistoric collections of the Museum of Archaeology and Ethnology/University of São Paulo" were: define a methodology to apply to this kind of collections, organize the field and lab documentation; control the collections and the documentation and organize the collections in the Museum. From the 170 collections chosen at the beginning of the project, it had been possible to organize 44 collections at the Museum/São Paulo and 58 collections at the Regional Center for Archaeological Research Mário Neme/MAE, located at Piraju, completing 66.570 archaeological objects. The aim of this paper is to explain the methodology applied to the project and its results.

UNITERMS: Brazilian Archaeology – Museum – Curatorship – Archaeological Collection.

Referências bibliográficas

- AFONSO, M.C.
1998 Organização e Gerenciamento do acervo arqueológico pré-histórico brasileiro do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 1º Relatório parcial entregue à FAPESP, São Paulo.
1999 Organização e Gerenciamento do acervo arqueológico pré-histórico brasileiro do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Relatório final entregue à FAPESP, São Paulo.
- AFONSO, M.C.; BOTTALLO, M.; PIEDADE, S.C.M.; MORAIS, J.L.
1997 Curadoria das coleções arqueológicas pré-históricas brasileiras no MAE/USP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 7: 199-201.
- AFONSO, M.C.; PIEDADE, S.C.M.; BARRETO, D.E.F.; JACOB, J.P.
1999 A formação de profissionais de museus: o papel dos arqueólogos no processo curatorial. *Anais da II Semana dos Museus da Universidade de São Paulo*: 141-144.
- BOTTALLO, M.
1996 A gestão documental do patrimônio arqueológico e etnográfico. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 287-292
1998 As coleções de Arqueologia Pré-Colonial Brasileira do MAE/USP: um exercício de Documentação Museológica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8: 257-268.
- BRUNO, M.C.O.
1995 *Musealização da arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH/USP.
1996 Museus de Arqueologia: uma história de conquista, abandono e mudança. *Revista do Mu-*

- seu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 293-313.
- DE BLASIS, P.A.D.
1993 Gerenciamento de coleções arqueológicas e etnográficas: um modelo para o MAE-USP. *VII Simpósio Sul-Rio Grandense de Arqueologia*. Taquara, Rio Grande do Sul (inédito).
- GUIZZO, J. (Ed.)
1994 *O Corpo Humano*. Série Atlas Visuais. Editora Ática.
- KING, M.E.
1980 Curators: Ethics and Obligations. *Curator*, 23 (1): 10-18.
- HITHCOCK, A.
1980 Discussion Paper. *Curator*, 23 (1): 71-79..
- MALARO, M.C.
1987 *A Legal primer on managing museum collections*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press.
- MORAIS, J.L.; AFONSO, M.C.
1997 Arqueologia Brasileira no MAE/USP: pesquisa, ensino, extensão e curadoria. *Anais da I Semana dos Museus da Universidade de São Paulo*: 37-43.
- NÉGRI, V.
1986 Les aléas juridiques des dépôts de fouilles. *Musées & Collections Publiques de France*. Revue de l'Association générale des conservateurs des collections publiques de France, 195: 7-18.
- NEVES, W.A.
1988 Uma Proposta pragmática para cura e recuperação de coleções de esqueletos humanos de origem arqueológica. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, Série Antropológica, 4(1): paginação???
- NOVICK, A.L.
1980 The Mangement of Archaeological Documentation. *Curator*, 23 (1): 30-42.
- PEARCE, S. M.
1990 *Archaeological Curatorship*. Leicester Museum Studies Series. Leicester: Leicester University Press.
- PEEBLES, C.S.; GALLOWAY, P.
1981 Notes from Underground: Archaeological Data Management from Excavation to Curation. *Curator*, 24 (4): 225-251.
- PIEPADE, S.C.M.
1996 Coleções de artefatos osteodontomalacológicos: uma experiência no MAE/USP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 396-397.
- WILCOX, U.V.
1980 Collections Mangement with the Computer. *Curator*, 23 (1): 43-54.
- YANG, M.
1989 Manuals for Museum Policy and Procedures. *Curator*, 32 (4): 269-274.

Recebido para publicação em 19 de novembro de 1999.